

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO – UNIBRA  
CURSO DE GRADUAÇÃO BACHARELADO EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA**

**JHAMYS ROBERTO S. SANTIAGO  
MATHEUS ARTHUR S. DE SOUZA  
ROBERTO HENRIQUE S. P. FERRAZ**

**DESAFIOS DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO  
FUTEBOL FEMININO NO BRASIL**

**RECIFE/2021**

JHAMYS ROBERTO S. SANTIAGO  
MATHEUS ARTHUR S. DE SOUZA  
ROBERTO HENRIQUE S. P. FERRAZ

## **DESAFIOS DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL**

Projeto apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito parcial para obtenção do título de bacharelado em educação física.

Professor Orientador: Esp. Ângelo de Andrade Rodrigo dos Santos.

RECIFE/2021

F381d

Ferraz, Roberto Henrique Sales Pereira

Desafio da profissionalização do futebol feminino no Brasil./ Roberto Henrique Sales Pereira Ferraz; Jhamys Roberto Silva Santiago; Matheus Arthur Silva de Souza. - Recife: O Autor, 2021.

27 p.

Orientadora: Esp. Ângelo de Andrade Rodrigues dos Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Educação Física, 2021.

1. Futebol feminino. 2. Barreiras. 3. Preconceitos. 4. Profissionalização . I. Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. II. Título.

CDU: 796

*Dedicamos esse trabalho a nossos pais e familiares.*

*"Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre."*

*(Paulo Freire)*

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO .....	10
2.1. A História do Futebol .....	10
2.2. O preconceito de Gênero e a história do futebol feminino .....	11
3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO .....	13
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	19
6. REFERÊNCIAS .....	20

## DESAFIOS DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

Jhamys Roberto S. Santiago

Matheus Arthur S. de Souza

Roberto Henrique S. P. Ferraz

Ângelo de Andrade Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O futebol feminino, apesar de ainda sofrer preconceitos no Brasil, já passou por momentos piores. A proibição das mulheres de realizarem atividades não compatíveis com seu gênero era real e se dava através de um Decreto-Lei. A luta travada pelas mulheres afim de se profissionalizarem no Brasil ainda é constante e necessária. Assim como em outras áreas, a mulher tem conquistado o seu espaço no esporte e no coração dos amantes de futebol. O objetivo deste estudo é descrever a trajetória do futebol profissional feminino no Brasil. A elaboração do presente estudo se dará através de uma pesquisa bibliográfica realizada em artigos já publicados nas bases de dados Google Acadêmico, Lilacs, utilizando descritores: Futebol feminino, barreiras e preconceitos, dentro do recorte temporal de (2010-2021). Os estudos definidos como base, refletem a necessidade de se investir no futebol feminino. O futebol feminino tem ocupado o seu espaço no Brasil, mas ainda necessita de visibilidade, incentivo e investimento, tanto na base quanto no profissional.

**Palavras-chave:** Futebol Feminino. Barreiras. Preconceitos. Profissionalização.

### 1. INTRODUÇÃO

De acordo com Souza (2011), o futebol tem sido um fenômeno muito relevante, socialmente, no Brasil, tornando-se uma paixão nacional, tendo um papel central na sociedade brasileira. Várias crianças têm, como sonho, ser um jogador de futebol. Sendo, o profissional de educação física um dos primeiros profissionais a auxiliar a criança na realização do seu sonho.

É nas escolinhas de futebol e categoria de bases dos clubes, que a importância desse profissional é exaltada. Segundo Valentin e Coelho (2005) a valorização das categorias de base levou o público infante juvenil a se interessar cada vez mais cedo pelo esporte, com isso, foram surgindo escolinhas de futebol

<sup>1</sup> Prof. Esp. Ângelo de Andrade Rodrigues dos Santos – Docente nos Cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA

para crianças, na intenção social e lúdica. Neste caso, foram criadas regras para os atletas que subiriam para o profissional, sendo necessário passar pelas escolinhas e categorias de base dos clubes reconhecidos pela disciplina e qualidade de treinos.

O futebol feminino possui uma gama de atletas que se tornaram exemplos para as meninas que estão iniciando, muitas delas na seleção brasileira, como Marta, Formiga, Bárbara, que são o símbolo de resistência e perseverança.

Como afirma Bastos e Navarro (2009) o futebol é um dos esportes mais praticados dentro das aulas de Educação Física, mesmo assim, as meninas tiveram que se envolver e disputar espaço com os meninos seja na rua, nas escolas e escolinhas, onde mais fosse possível.

Tal situação pode ser consequência do Decreto-Lei nº 3.199 (BRASIL, 1941), que em seu Art. 54 afirma que:

*"às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza [...]".*

Tal decreto foi um fator que impediu que as mulheres pudessem praticar qualquer tipo de esporte considerado violento.

Apesar de ser um dos esportes mais praticados, as meninas encontram dificuldades para permanecer jogando e se profissionalizarem. De acordo com Pereira (2018, p.25),

*Contudo, as dificuldades muitas vezes desmotivam as meninas a permanecer no esporte na busca pelas realizações profissionais, tanto que a maioria próxima aos 17 anos acaba por traçar um plano B, normalmente optando por cursar uma faculdade. Sendo assim, as alunas buscam sempre um incentivo, uma motivação para que permaneçam confiantes em seus caminhos (PEREIRA, 2018, p. 25).*

Exatamente na história da Educação Física, o preconceito de gênero sempre existiu, caracterizando comportamentos femininos e masculinos de maneiras distintas, onde, de acordo com Navarro e Bastos (2009), em 1970 as atividades esportivas eram vistas como um treinamento para formar um exército, juntamente com o regime militar, onde havia o preconceito relacionado a participação feminina nos esportes.

Ainda, de acordo com Navarro e Bastos (2009), a flexibilidade da prática aconteceu na década de 1980, quando possibilitou a participação de pessoas diferentes, permitindo que não apenas os homens pudessem participar das aulas,

mas, que houvesse a inclusão de pessoas acima do peso, com necessidades especiais e também, as mulheres. A partir de 1990, a Educação Física evoluiu, permitindo meninas jogar futebol, brincar de pega-pega, entre outras atividades lúdicas (NAVARRO e BASTOS, 2009).

Com a flexibilidade da prática de esportes por mulheres, o futebol feminino pôde, enfim, se tornar realidade para as meninas que tanto desejam se profissionalizar um dia.

O presente estudo, tem, como objetivo, analisar o futebol feminino no Brasil, entendendo as dificuldades encontradas pelas meninas que decidem praticar este tipo de esporte, com todo o preconceito e barreiras impostas, para a realização do seu sonho. Entre os objetivos específicos, destacamos conhecer a história do futebol feminino e seus desafios atuais; caracterizar o processo de evolução do Futebol Feminino no Brasil enquanto prática esportiva profissional; compreender a real importância atribuída ao futebol feminino por parte das entidades de prática e administração esportiva integrantes do setor.

Segundo Franzini (2005) o universo do futebol, desde o início da sua história, caracteriza-se por ser um espaço predominantemente masculino, sendo um espaço não somente esportivo, mas sociocultural, seus valores colocam contornos nem sempre claros e bem definidos, devendo ser observados por manter uma ordem ou uma lógica, que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada.

Infelizmente, de forma generalizada o que é e era visto, seria o contrário do ideal. A mulher era proibida de competir nos jogos, não havia estrutura organizada pelos clubes, os jogos não eram televisionados e a desigualdade financeira em comparação ao futebol masculino era gritante.

Então, de acordo com Pisani (2012), foi a partir da promulgação da Lei Pelé, lei 9615/98, que o futebol feminino brasileiro ampliou as questões relacionadas à profissionalização da e na modalidade. No entanto, segundo Williams (2011) dois pontos foram fundamentais na frenagem do processo de profissionalização da modalidade. Foram eles: a dupla jornada de trabalho das atletas e; as migrações internacionais que se davam de forma amadora e informal. Segundo o autor, essas atletas não tinham completado seu processo de profissionalização.

Então, se faz necessário o entendimento dos percalços encontrados pelas mulheres até chegar a profissionalização, o que será um dos focos deste estudo,

para entender o que é necessário que seja feito, para que as próximas gerações do futebol feminino, possam chegar cada vez mais profissionais aos clubes e seleção.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. A História do Futebol

O futebol é um dos esportes mais praticados no mundo, por diversos motivos, entre eles, a facilidade de acesso, por conta do baixo investimento, como também a sua forma de disputa, que muito interessa aos seus praticantes. Não se sabe, exatamente, quando o futebol surgiu, pois haviam muitos relatos antigos sobre brincadeiras com bolas, parecidos com a forma como praticamos hoje (GONZÁLEZ, 2012).

Segundo Voser, Guimarães e Ribeiro (2010), existem relatos na Ásia, com um jogo chamado "*Kemari*", onde dois grupos de oito jogadores, de cada lado, não podiam deixar a bola cair ao chão, com o objetivo de fazê-las cair, somente entre duas estacas de cada lado (parecido com o que usamos como traves), datados de 644 d.C.

Ainda de acordo com Gonzáles (2012), Na Grécia antiga, havia um jogo chamado "*Epyskiros*", que era jogado em campos retangulares. Em Roma, existiu um jogo chamado "*harpastum*", que era um jogo mais violento, com as bolas, regras e metragens determinadas pelo esporte da Grécia.

Segundo Vieira (2016), o futebol, como conhecemos hoje, segue os moldes do "football", jogado na Inglaterra, desde por volta de 1660 e vem sendo aprimorado com o passar dos anos, tendo mudanças nas regras e extinguindo a violência que era comum no esporte praticado anteriormente.

No Brasil, o futebol foi trazido por Charles Muller, "que veio da Inglaterra com duas bolas e a certeza de converter seus expatriados britânicos que aqui residiam na cidade de São Paulo, em jogadores futebolistas" (SOUZA, 2013, p. 9). Onde, ainda segundo o autor, o mesmo não convenceu apenas o seu grupo, mas também boa parte da sociedade da elite da época, pois o futebol, até então, era composto apenas por membros brancos da elite nacional.

Somente na década de 20 os negros passaram a compor os times do futebol, sendo o Vasco da Gama, a primeira equipe a aceitar e ganhar títulos com negros e pobres na sua equipe. De acordo com Souza (2013, p. 10) foi a partir daí, surgiu uma nova era, onde times eram compostos e fundados por operários e profissionais liberais que nada recebiam para jogar, isto até conquistarem suas primeiras vitórias e títulos e tornarem-se reconhecidos pelas demais classes sociais, como no exemplo do Sport Clube Corinthians Paulista.

O primeiro grande momento o futebol brasileiro, que culminou na sua popularização foi a conquista da copa do mundo de 1958. O mais interessante é que jogadores campeões, como Pelé, Didi e Garrincha, grandes estrelas, lembrados até hoje, sequer teriam vaga nos times, no início da história do futebol no Brasil, por serem negros e de periferia.

O Brasil, hoje é conhecido como o país do futebol, graças às suas conquistas e momentos gloriosos. Detentor de 5 copas do mundo FIFA, o Brasil tornou-se uma paixão nacional e, se para alguns cidadãos, o futebol se classifica apenas por suas jogadas e passes, para outros se trata de um estilo de vida e por que não, um conceito de cultura, sua representação de identidade perante os demais, seja por meio de seus hábitos, linguagens, costumes, vestimentas, idealização ou ainda nas redes sociais como forma de comunicação, expressão e imposição (SOUZA, 2013 p. 9).

## **2.2. O preconceito de Gênero e a história do futebol feminino**

O século XX foi uma época onde as mulheres passaram a questionar seus direitos perante a sociedade, e não foi diferente nas atividades físicas e no futebol. Segundo Salvini (2013), havia uma preocupação em manter a figura feminina, pela sociedade, então nem todas as atividades físicas eram aconselhadas ou permitidas às mesmas. As mesmas eram aconselhadas a se portarem como damas, com a fineza dos gestos, permitindo apenas atividades sem contato físico, para proteger sua parte fisiológica e anatômica, tendo como exemplo as atividades como dança e ginástica.

Segundo Ferreira (2021), após o Decreto-Lei 3.199, que proibia às mulheres de participarem "da prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza", em 1941, foi tomada a decisão número 7, somente em 1965, que deliberavam normas para a presença do público feminino nas práticas esportivas, sendo terminantemente proibida a participação delas no halterofilismo, baseball, futebol, futebol de praia, qualquer tipo de lutas, pólo, e futebol.

Apesar da proibição, as mulheres praticavam o esporte em campos, praias e quadras, geralmente no horário noturno.

No Brasil, apesar de serem proibidos jogos de futebol feminino na época da ditadura, algumas partidas eram divulgadas na capital paulista. Como por exemplo, o jogo em 1921 entre as Senhoritas Tremembenses e as Senhoritas Cantareirenses realizado no Tremembé F. C. em São Paulo-SP. Desta forma, não se sabe ao certo sobre o aparecimento das primeiras partidas de futebol feminino, já que as mesmas jogavam em campos, praias ou quadras, como as empregadas domésticas que jogavam à noite na praia no Leblon-RJ, pois trabalhavam pelo dia (SANTOS, 2013).

Porém, somente na década de 80, com o fim do Decreto-Lei 3.199, se instituiu e popularizou-se o futebol feminino, com a criação do primeiro grupo de futebol feminino do Rio de Janeiro, como também foram criados vários campeonatos.

De acordo com Almeida e Pisani (2015, p. 4), em 1983, enfim veio a regulamentação do futebol feminino. Tornando possível que as atletas pudessem competir, criar calendários, utilizar estádios, ensinar nas escolas. Clubes como o Radar e Saad surgem como pioneiros no profissionalismo. Eram alguns dos times competitivos da época, tendo em 1988 um torneio experimental realizado pela FIFA na China. Foi um torneio que serviu de pontapé para o desenvolvimento da modalidade feminina em todo o mundo. Ao todo, doze seleções participaram, e o Brasil ficou com bronze nos pênaltis.

A seleção Brasileira Feminina de Futebol têm em seu currículo a medalha de bronze pelo terceiro lugar no torneio experimental da FIFA, quarta colocação nas olimpíadas em 1996, terceiro lugar na copa do mundo FIFA de 1999, campeãs no Pan de Santo Domingo, Prata na olimpíada da Grécia em 2004, campeãs do Pan-americano no Rio de Janeiro, vice-campeãs da copa do mundo FIFA em 2007, prata

na olimpíada de Pequim em 2008, campeã do Pan-americano em 2015, além de ter a jogadora Marta, 6 vezes eleita a melhor jogadora do mundo (ROGENSKI, 2019).

### 3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Este estudo foi realizado, a partir de uma pesquisa bibliográfica, que de acordo com Thomas (2002), é um tipo de pesquisa que envolve análise, integração de leitura e avaliação.

Para isso, foi feita uma busca nas bases de dados, Scielo e Google Acadêmico utilizando descritores: Futebol feminino, barreiras, preconceitos e os operadores booleanos AND e OR.

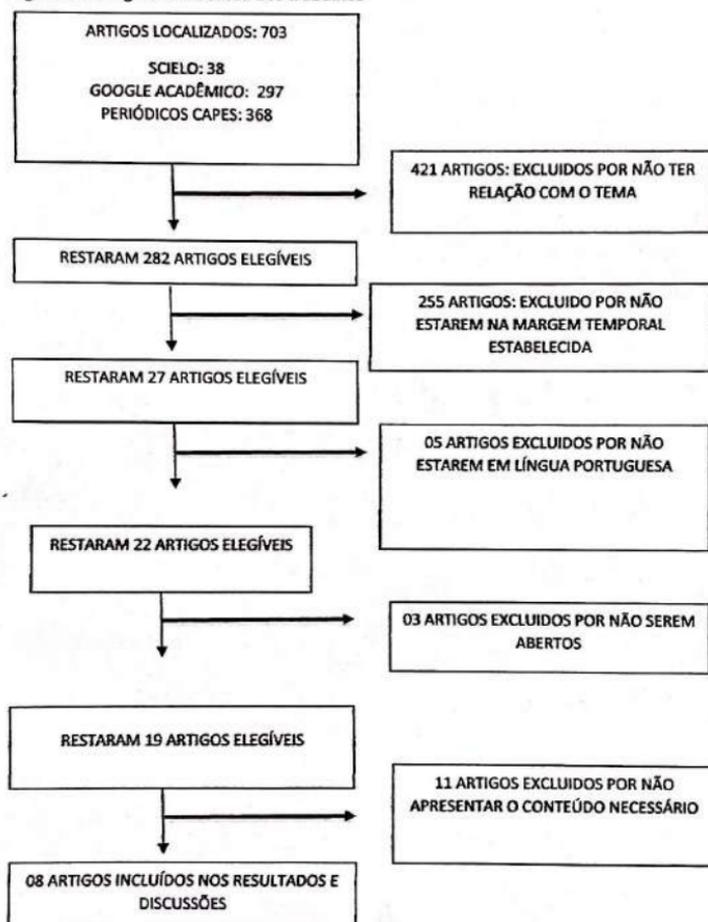
Após análise do material bibliográfico foram selecionados apenas os artigos de maior pertinência para o objetivo proposto, se enquadrando nos critérios de inclusão: Publicados entre os anos 2010 e 2020, em língua portuguesa, artigos que analisassem pelo menos um dos desfechos associados: Preconceitos enfrentados pelo futebol feminino.

Com relação aos critérios de exclusão, foram excluídos artigos sem base de dados coerentes e estudos que não fizeram menção ao futebol feminino. A pesquisa foi realizada através de artigos e textos relacionados ao tema proposto, com a mesma temática. Analisando os títulos e palavras chaves, seguido da introdução, identificando a motivação da pesquisa e por fim conclusão e resumo, sinalizando a ideia central.

Os artigos selecionados serão apresentados, através de um fluxograma, a seguir.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Figura 1 Fluxograma de busca dos trabalhos



AUTORES (ANO)	OBJETIVOS	TIPO DE ESTUDO	POPULAÇÃO INVESTIGADA	INTERVENÇÃO	RESULTADOS
Brum; Nascimento; Pereira, 2019.	Descrever a trajetória profissional, sob a ótica dos processos migratórios.	Qualitativo, descritivo.	Atletas profissionais brasileiras de futebol	Convocações de Campeonatos Mundiais de futebol feminino realizados entre os anos de 1991 e 2015	O estudo chega ao resultado de que apesar das imigrações, jogar no Brasil ainda é uma boa escolha profissional para as atletas de futebol.
Pereira, 2018.	Descrever os aspectos positivos e negativos na relação dos(as) professores(as) de Educação Física com suas atletas nas escolinhas de futebol, e quais suas influências sobre o interesse de suas atletas em cursar Educação Física, relatada por dois grupos de alunas de uma escola de futebol em Porto Alegre.	Qualitativa e interpretativa dos relatos de experiência das alunas de uma escola de futebol de Porto Alegre	12 meninas com idades entre 14 e 17 anos.	Entrevistas realizadas com as meninas participantes da pesquisa	O resultado é a falta de incentivo das escolas em abrir turmas exclusivamente femininas, sendo assim, para as que almejam se profissionalizar é preciso que se destaquem entre os meninos, a fim de conquistar uma vaga na equipe para competir nos campeonatos
Haag, 2018.	Analisar o processo de profissionalização, ou ainda as tentativas de profissionalização, do futebol feminino	Estudo qualitativo	2 atletas profissionais de futebol	Entrevistas realizadas com 2 atletas profissionais	Conclui-se que as dificuldades da profissionalização da categoria impõem empecilhos à trajetória das atletas e que historicamente houve tentativas de alijamento das mulheres da prática futebolística.
Roque, 2020.	Identificar as dificuldades encontradas pelo futebol feminino para ser reconhecido no Brasil.	Estudo Qualitativo	3 jogadoras profissionais de futebol	Questionário aplicado com 3 atletas profissionais	Os resultados apresentados ratificam as dificuldades apresentadas pelas jogadoras de futebol feminino, sugerindo que haja investimentos no mesmo, já a partir da fase escolar.
Araújo, 2016.	Identificar as representações sobre o futebol, em particular o futebol feminino, em uma escola pública de Belo Horizonte, MG.	Estudo qualitativo	Alunas de futebol feminino em escola pública.	Pesquisa realizada com alunas de escola pública	A pesquisa apresenta disparidade com relação a prática do futebol masculino e preconceito para com o futebol feminino.
Feijó, 2011.	Analisar as motivações para a prática de futebol para as mulheres da equipe S. C. Black Show	Estudo qualitativo	Mulheres, jogadoras de futebol da Equipe S. C. Black Show.	Questionário aplicado as jogadoras do clube	O Estudo apresenta que, apesar da falta de investimento no futebol feminino, o futebol feminino está no caminho certo para conquistar o seu reconhecimento.
Maurina, 2020.	analisar como a	Pesquisa	Torcedoras de	Entrevista	Concluiu-se que a

	campanha "Veio Pra Ficar" contribuiu positivamente para o futebol feminino assim como para a imagem da marca Avon	exploratória	futebol	realizada com jogadoras do clube de futebol	campanha "Veio Pra Ficar" agregou positivamente para o esporte feminino e também associou pontos positivos para a imagem da marca Avon.
Gamboa, 2019	Avaliar a atual percepção das atletas acerca das dificuldades enfrentadas pelas mulheres no futebol feminino.	Estudo de campo com caráter transversal descritivo	30 atletas de futebol	Aplicação de questionário	O questionário proposto possibilitou a confirmação das inúmeras barreiras que são enfrentadas pelas atletas nesse esporte.

Após as buscas nas bases de dados eletrônicas foi possível encontrar a quantidade de 8 artigos com a proposição de interlocução sobre essa temática, disto isso com relação às dificuldades encontradas pelas meninas na questão da profissionalização. No estudo realizado por Roque (2020, p. 17), o preconceito é destacado como sendo um dos principais obstáculos para tal questão, a autora afirma que "para as mulheres que praticam esse esporte dito masculino é inevitável não falar dos preconceitos que existem em relação à prática. Algumas associaram inconscientemente, o preconceito às dificuldades".

Recorrendo ao contexto histórico, percebe-se que, de acordo com Haag (2018, p. 17) Há relatos de mulheres jogando futebol no Brasil desde o início do século XX, porém, sempre em quantidade muito inferior aos homens e sempre passando por discriminações.

Entende-se que mesmo inconscientemente, a questão do preconceito é gritante, pois o futebol é conhecido como esporte masculino, onde se há muito destaque para os campeonatos nacionais e mundiais desse gênero. O preconceito também é destacado como barreira no estudo de Pereira (2018), onde a mesma descreve a seguinte situação:

(O preconceito) Acredito que sempre vai ter. Pelo preconceito de uma mulher, achar que futebol é só para homem. Uma das coisas que toda mulher que escolhe jogar futebol, acho que é tentar quebrar isso também, se vê como uma luta. Sempre vai ter dificuldade, porque sempre vai ter pessoas com pensamento bem pequeno em relação isso, de que mulher não tem um potencial, ou não tem um físico ou não pode desenvolver uma habilidade (PEREIRA, 2018).

Pereira (2018) vai além, quando afirma que as próprias mulheres entendem que jogar futebol é coisa pra homem, trazendo consigo o preconceito, no sentido literal da palavra: a criação de um conceito, sem o conhecimento do mesmo.

A questão do preconceito também é vista em outros estudos, como o de Feijó (2011), onde uma atleta, em entrevista fala sobre o preconceito: "Preconceito, muitos acham que futebol é só para homens, que as mulheres não têm esse potencial, mas muitas mulheres jogam muito melhor que os homens e estamos mostrando isso agora"

Outra questão importante é a desatenção dada pela mídia para o futebol feminino, diferentemente do que acontece com a supervalorização do futebol masculino.

Nas pesquisas realizadas durante o estudo, Araújo (2016) percebe, através das falas das atletas, o descontentamento, com relação à cobertura da mídia quando o esporte apresentado é o futebol feminino, "a ênfase é dada no futebol masculino"; já para uma das atletas, "a mídia deveria valorizar o futebol feminino" (ARAÚJO, 2016, p.32).

Para se ter uma noção, de acordo com Gamboa (2019, p. 9), por ser considerado um esporte exclusivo do universo masculino, a disseminação exacerbada do preconceito dentro do futebol na modalidade feminina ainda é muito presente.

Outros estudos corroboram acerca da mesma questão, como evidenciado por Roque (2020, p.18) que afirma que no Brasil o futebol feminino sofre pela forma como tem sido tratado pela mídia, precisando de apoio, organização e inserção midiática. Brum, Nascimento e Pereira (2019, p. 3) destacam um "sutil espaço da mídia". Feijó (2011, p. 13), relata a falta de apoio da mídia, o que conseqüentemente afasta os possíveis patrocinadores que necessitam vender sua imagem.

Outro ponto destacado pelos estudos é a falta de incentivo no núcleo social das atletas, ainda enquanto crianças. Roque (2020, p.20) afirma que 60% das entrevistadas nunca tiveram incentivos dos familiares.

Pereira (2018) corrobora com a questão da falta de incentivos relacionadas ao núcleo social e vai além, afirmando que até mesmo dentro das escolinhas de futebol, onde deveria ser incentivado, o mesmo não acontece. Neste contexto o Pereira (2018, p.20) afirma que "o incentivo da direção, materiais de treinos, ainda são

bastante precários, entretanto, na atual gestão estamos conseguindo mudar essa realidade, principalmente nos métodos de abordagem dentro dos treinos, além da preocupação com o crescimento sociocultural".

Feijó (2011, p.24) relaciona a falta de investimento e incentivo no progresso do futebol feminino ao domínio masculino no esporte. Ainda, o autor afirma que apesar destes significativos avanços, ainda é precária a estruturação da modalidade no país, pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são efêmeras e, praticamente inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo as meninas e mulheres que desejam praticar este esporte, seja como praticantes eventuais, seja como atletas de alto nível.

Maurina (2020, p. 79) afirma que para que haja incentivo é necessária uma série de mudanças, como exemplo, a mesma destaca que a mídia precisa se colocar à disposição para que as pessoas possam conhecer e se animarem para assistir o futebol feminino", ela complementa dizendo que "se a mídia oferecer um lugar ao esporte, é necessário que as pessoas assistam.

Brum (2019, p. 9) afirma que, somente no ano 2000, após a reorganização das competições nacionais de futebol feminino geridas pela CBF e os resultados obtidos pela seleção brasileira, o futebol feminino começou a ganhar destaque e mais investimentos, no nosso país.

Através do que foi apresentado durante este estudo, foram percebidas e exemplificadas as barreiras e dificuldades apresentadas pelas meninas e mulheres que pretendem praticar o futebol, fazendo com que as mesmas muitas vezes desistam dos seus sonhos por motivos que facilmente poderiam ter sido resolvidos, como a questão do incentivo, por exemplo (BRUM, 2019).

Em todos os estudos apresentados, foram utilizadas pesquisas e entrevistas com jogadoras de futebol feminino profissional e amadoras e, em todas elas foram percebidas nas falas das entrevistadas, as dificuldades para se jogar futebol feminino no nosso país. Seja pela falta de investimentos e preconceitos do público em geral ou até mesmo pela falta de incentivos e proibição partindo dos próprios familiares das atletas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, o futebol se tornou o esporte com maior identidade no Brasil. O mesmo se apresenta como um esporte predominantemente masculino. Logo, esse estudo precisou mostrar que, apesar da predominância masculina, as mulheres têm lutado para garantirem o seu espaço.

Este estudo evidenciou que o futebol feminino começou muitos anos após o início do masculino, com pouca visibilidade e investimentos, além do preconceito das autoridades que chegaram a proibir o futebol feminino com a desculpa de que o esporte "masculinizaria" as mulheres.

Conforme apresentado nos estudos é necessário que a inclusão feminina no futebol já se inicie durante as aulas escolares, com o apoio e o acolhimento dos profissionais de educação física. Com essa sensibilidade do profissional, as meninas têm ganhado um pouco mais de espaço no contexto do futebol. É sabido que o acesso e a importância dada ao futebol feminino, em comparação com o futebol masculino ainda não é o ideal, mas é indiscutível os avanços ocorridos para a diminuição do preconceito e o aumento da participação das mulheres.

O estudo, ora apresentado, tornou possível entender a história do futebol feminino e os desafios enfrentados, desde os tempos escolares até a profissionalização.

É urgente que se mude de pensamento com relação ao futebol feminino e começar a acreditar em um mundo mais igualitário, também com relação à participação das mulheres no esporte, seja ele qual for. As mulheres têm conquistado o seu espaço em diversos setores da sociedade, onde, há pouco tempo, não tinham o direito ao menos de jogar futebol. É necessário que se invista, apoie e estimule, desde enquanto meninas, para que as mesmas possam ser livres para fazer suas escolhas, principalmente relacionadas a sua profissão e ao seu sonho.

Sendo assim, conclui-se que, com o passar dos anos, o futebol feminino tem começado a ocupar o seu espaço, mas ainda o caminho é longo para o reconhecimento merecido, passando por políticas públicas relacionadas ao esporte e a educação.

## 6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. S.; PISANI, M. S. **Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil**. Disponível em:

[https://www.academia.edu/35200263/ARTIGO\\_Carreiras\\_e\\_profissionalismo\\_de\\_futebolistas\\_brasileiras\\_ap%C3%B3s\\_a\\_regulamenta%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_Futebol\\_Feminino\\_no\\_Brasil](https://www.academia.edu/35200263/ARTIGO_Carreiras_e_profissionalismo_de_futebolistas_brasileiras_ap%C3%B3s_a_regulamenta%C3%A7%C3%A3o_do_Futebol_Feminino_no_Brasil). Acesso em: 02 jun. 2021.

ARAÚJO, A. S. **As representações dos alunos e alunas sobre o futebol feminino em uma escola pública de Belo Horizonte**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Gênero e Diversidade na Escola). Universidade Federal de Minas Gerais: 2016.

BASTOS, P V; NAVARRO, A C. O futsal feminino escolar. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v.1, n.2, p.144-162, 2009.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199**. Proíbe às mulheres a prática de esportes incompatíveis com a sua natureza. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm). Acesso em: 10 jun. 2021.

BRUM, M F; NASCIMENTO D R; PEREIRA, E G B. **Trajetória Profissional das atletas da seleção brasileira de futebol feminino**. **Arquivos em Movimento**. EEED/UFRJ. Volume 15, Número 2, Agosto-Dezembro 2019.

DALLA CORTE, L. R. A. **O futebol feminino e o preconceito quanto ao gênero no contexto escolar**. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília – UniCEUB: 2017.

FEIJÓ, C. F. **Futebol Feminino: Apontamentos sobre motivações e dificuldades para uma equipe desta modalidade**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 2011.

FERREIRA, L. Os 80 anos do decreto que proibia mulheres nos esportes. **Revista Brasil de Fato**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2021/04/14/os-80-anos-do-decreto-que-proibia-mulheres-nos-esportes>. Acesso em 28 mai. 2021.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, vol. 25, núm. 50, pp. 315-328, 2005.

GAMBÔA, T C B. **As dificuldades encontradas no futebol feminino**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física). Faculdade de Ciências da Educação e Saúde. Brasília: 2019.

HAAG, F. R. "O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele": trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro. **Mosaico** v. 9, n.

14, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6514515>. Acesso em: 14 mar. 2021.

**MAURINA, Bruna. O futebol feminino "veio pra ficar": Um estudo de caso da campanha de lançamento do batom "Power Stay" da marca Avon com a jogadora Marta.** Trabalho de conclusão de curso (Graduação em comunicação Social). Universidade de Caxias do Sul: 2020.

**NETO, J J O. Caminhos e desafios enfrentados no futebol feminino no Brasil.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física). FACOL: 2016

**PEREIRA, L. L. B. A influência da relação professor(a)-aluna na profissionalização de jovens atletas.** Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Licenciatura em Educação Física, Porto Alegre/RS, 2018.

**PISANI, M S. Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2012

**ROGENSKI, R. Ação de Guaraná Antarctica atrai marcas para o futebol feminino. Comunicação.** Meio & Mensagem, 21 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2019/05/21/acao-de-guarana-antarctica-atrai-marcas-para-o-futebol-feminino.html>. Acesso em: 19 de mai de 2021.

**ROQUE, L. A. L. As dificuldades encontradas do futebol de campo feminino no Brasil.** Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Pontifícia Universidade Católica do Goiás, Licenciatura em Educação Física, Goiânia, 2020.

**SALVINI, L.; JÚNIOR, W., M. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. Movimento,** Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 95-115, 2013.

**SANTOS, I. A. As formas de preconceito no futebol feminino. EFDeportes.com, Revista Digital.** Buenos Aires - Año 18 - Nº 180 - Mayo de 2013.

**SOUZA, A. L. Análise do futebol no Brasil como um fenômeno sociocultural. EFDeportes.com, Revista Digital.** Buenos Aires, Año 16, Nº 159, Agosto de 2011. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd159/futebol-como-um-fenomeno-sociocultural.htm>. Acesso em: 30 abr. 2021

**SOUZA, E. D. Futebol paixão, produto ou identidade cultural.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Arte. São Paulo, 2013.

**THOMAS, J.R.; NELSON, J.K. Métodos de pesquisa em atividade física.** 3 ed. Porto Alegre, Artmed Editora, 2002.

VALENTIN, R. B.; COELHO, M. Sobre as escolinhas de futebol: processo civilizador e práticas pedagógicas. *Rev. Motriz*, Rio Claro, v. 11, n. 3, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n312VBR.pdf>. Acesso em 21/03/2012.

VIEIRA, L. M. **Futebol: Do Sonho do jogo ao jogo do mercado**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2016.

VOSER, R.C.; GUIMARÃES, M. G. V.; RIBEIRO, E. R. **Futebol: história, técnica e treino de goleiro**. 2ª. Ed. (revisada e atualizada). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

WILIAMS, R. **Cultura e Materialismo**. 1ª edição. São Paulo: Inesp, 2011.

## AGRADECIMENTOS

**Matheus Arthur:** "Agradeço a todos que sempre estiveram comigo: pais, amigos, professores que, de alguma forma me ajudaram a chegar até aqui, meus agradecimentos."

**Jhamys Roberto:** "Primeiramente agradeço a Deus, por me dar forças para lutar por todos os meus sonhos. Agradeço a minha mãe Adriana Carmem, que sempre esteve ao meu lado, sempre acreditou e confiou em mim, mesmo quando até eu mesmo não acreditava mais. Ao meu pai, José Roberto, que sempre fez o possível e o impossível por mim. Aos meus familiares, irmãos, avós, amigos e a todos que sempre me incentivaram a continuar e jamais desistir. A minha namorada, Fernanda Martins, que sempre está ao meu lado me incentivando e me dando forças para prosseguir. Ao professor orientador Ângelo Andrade, que além de professor se tornou um amigo o qual eu admiro muito, ao nosso amigo Thiago Santana, que deu ao nosso grupo uma força enorme durante todo esse processo, agradeço muito também a Matheus Arthur e Henrique Sales, que foram e são mais que amigos, são verdadeiros irmãos pra mim, e através dessa irmandade, conseguimos alcançar nosso objetivo. Agradeço também a minha amiga Salety Nain, desde início dessa minha caminhada foi uma pessoa que sempre me incentivou e me deu força para continuar. Por fim e não menos importante, agradeço a todos aqueles que desacreditaram de mim, todos aqueles que falaram que eu não passaria dos 18 anos de idade e que eu seria apenas mais um preto favelado sem vencer na vida. Esses pensamentos negativos sobre mim, me serviu de combustível para eu ir em busca dos meus ideais e jamais desistir".

**Henrique Sales:** "Gostaria de agradecer a todos os envolvidos, desde o início, até o presente momento. Primeiramente a Deus, que me deu forças e sabedoria pra

chegar até aqui. À minha noiva, Luana Maria, que sempre me apoiou e me incentivou e soube ser paciente nos momentos em que eu precisei. À minha mãe Cátia Sales, que sempre esteve ao meu lado, me incentivando e querendo o melhor para mim. Aos meus amigos da turma da noite, Kennedy, Clayton, Elizabeth e Maria Helena, que me ajudaram a encarar de frente, todos os obstáculos. Ao Jhamys, amigo da turma da manhã, que além de amigo, se tornou um irmão, sempre se importando comigo e me incentivando, pois não foi fácil chegar até aqui, porém, com a ajuda de todos os envolvidos e muita dedicação, consegui. Então, fica o meu muitíssimo obrigado a todos.